



O agronegócio tem um novo obstáculo: as notícias falsas

2º
LUGAR

Luis Negrelli
UNESP/ Bauru

Um bilhão e quinhentos milhões de usuários ativos por mês e 60 bilhões de mensagens enviadas todos os dias. Os números divulgados em Fevereiro de 2018 se referem ao aplicativo de mensagens *Whatsapp*. Graças à essa ferramenta muita informação circula diariamente entre os usuários e, em meio a esse fluxo, o que tem circulado também são as notícias falsas. Seja através de um link, um vídeo, uma foto ou texto, as chamadas *fake news* se disseminam de forma rápida neste poderoso meio de comunicação: a internet.

Um fato bem recente tem fomentado esse fluxo de notícias: a discussão sobre um projeto de lei que tramita no Congresso Nacional. De um lado, a bancada ruralista que chama o projeto 6.299/2002 de “Lei do Alimento Mais Seguro” e, de outro, pessoas que o denominam “Pacote do Veneno”. A proposta pretende alterar uma lei de 1989 que fala sobre o uso e registro de agrotóxicos, herbicidas e pesticidas no Brasil. Mas, deixando de lado o conteúdo

do projeto, a internet vem sendo muito explorada pelos dois lados, como, por exemplo, para conseguir assinaturas e apoiadores de ambas as causas.

Nos grupos de mensagens do *Whatsapp* vez ou outra aparecem links que convidam o usuário a votar e, como argumento, apresentam algumas informações. A questão está justamente aí. Como ter certeza que esses dados são verdadeiros, não apenas no aplicativo, mas no meio online em geral? O risco de cair no universo das *fake news* é grande e aumenta à medida que as mensagens são compartilhadas sem a checagem dos fatos.

Quem está preocupado em checar o que é divulgado na internet e, sobretudo, relacionado ao agronegócio é o professor Ulisses Rocha Antuniassi. Ele é docente do Departamento de Engenharia Rural da Faculdade de Ciências Agrônomicas da Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Botucatu, no interior de São Paulo. Já que tem experiência na área de tecnologia de aplicação aérea de defensivos o professor decidiu investigar e descobriu a existência de uma notícia falsa em circulação sobre esse tema.

O TRABALHO DE CHECAGEM

Uma notícia publicada num site jornalístico do Paraná em 2012 foi o foco das investigações do professor. Nela um dos trechos fala sobre a utilização de aviões para aplicação de defensivos nas lavouras: “somente 1% do produto aplicado atinge o alvo. Os 99% restantes vão para o ar, água e solo.” De acordo com o texto essa informação está presente numa tese de doutorado orientada por uma pesquisadora do Instituto de Química da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 2009.

“O tema de que a aplicação aérea é ineficiente e só 1% atinge o alvo já havia aparecido em outras ocasiões. Nesse texto publicado teve um impacto maior, pois era um argumento usado para denegrir a imagem do agronegócio”, conta o professor. Como tinha acesso aos bancos de teses acadêmicas, Antuniassi resolveu checar tudo.

Ele logo encontrou a tese citada na notícia e descobriu uma contradição: a produção não tratava especificamente de aplicação aérea, mas sim sobre métodos analíticos de laboratório para quantificação de agrotóxicos. “A tese cita uma frase de um outro trabalho na introdução, um momento em que o pesquisador está falando mais do contexto”, explica.

Surge a segunda contradição: o texto da tese fala que apenas 0,1% do agrotóxico aplicado nas plantações atinge realmente o alvo definido. A partir daí, o docente pesquisou a fundo nos bancos acadêmicos e viu que a referência desse trecho da tese de 2009 era um artigo publicado em 2008 por professores da Universidade de Vigo, na Espanha. Esse artigo, por sua vez, também se apoiava numa citação de citação e fazia referência à uma produção publicada pelos professores David Pimentel e Lois Levitan, da Universidade da Califórnia/EUA.

Por fim, constatou que esse trabalho fora construído num tom mais opinativo, não era uma pesquisa sobre aplicação aérea de defensivos e o índice de 0,1% se referia a uma série de contas feitas pelo autor. Antuniassi publicou um artigo para explicar o que ele chama de cadeia de desinformação e pontuou que esses últimos autores apresentavam, na verdade, cálculos teóricos da quantidade de inseticida que uma determinada lagarta poderia comer, sem qualquer referência direta sobre as aplicações.

“Seria mais ou menos como pegar uma casa e calcular a divisão de um quilo de arroz por mês e concluir que cada pessoa come 200 gramas de arroz. Não é assim que funciona, tem um monte de variáveis que interferem exatamente na quantidade”, comenta. Porém, o que ele chama a atenção é que uma vez publicada, uma notícia falsa parece se espalhar mais rápido que o normal.

Desse compartilhamento em massa surge um outro risco apontado pelo jornalista e especialista em Marketing, Nestor Tipa Júnior: “Muitas vezes as pessoas ficam com a primeira versão e tomam como verdade e dificilmente estão abertas ao contraponto”.

Júnior é sócio-diretor de uma agência que promove a comunicação no ramo do agronegócio e já presenciou o esforço de contrapor uma *fake news* em circulação. Segundo o jornalista, foi divulgado que o arroz, como era cozido, causava câncer, de acordo com um pesquisador inglês. A empresa buscou desmentir o fato no Brasil, já que o problema tratava do solo da Ásia, quando no Brasil as condições são diferentes e não geram os mesmos problemas. “Fizemos um trabalho para buscar os lugares que a notícia tinha saído e mandar a versão de que o arroz brasileiro não tinha este problema, mas, muitos, infelizmente ficaram apenas com a primeira versão”, relata.



O especialista destaca ainda que as *fake news* não estão restritas ao universo dos grandes agricultores, mas atingem também os pequenos produtores.

Eneida Muniz Carrasco é produtora familiar há 25 anos e há 10 anos tornou-se produtora orgânica certificada. Ela possui uma propriedade entre as cidades de Agudos e Bauru, no interior paulista. Nesse espaço possui uma horta com diversos tipos de folhas, além de uma criação de gado, frangos, carneiros e porcos.

Eneida vende seus produtos em feiras livres de Bauru e para clientes que já são conhecidos e faz cestas com produtos orgânicos. Ela conta que a agricultura orgânica exige muito investimento, mas percebe que as notícias falsas também estão em torno do seu trabalho. De que forma? A própria produtora explica: “é um tipo de notícia que não é dada muitas vezes pelo meios de comunicação, mas por pessoas que se dizem produtores orgânicos e, na verdade, não são”.

Para Eneida o que acontece é que alguns produtores aproveitam da oportunidade de venda no ramo de orgânicos, mas não oferecem ao consumidor uma garantia ou certificação. Na sua opinião, essa outra vertente de divulgação de informações falsas prejudica o seu próprio trabalho.

Antuniassi reforça que quando alguém pega uma informação sem checar a veracidade dela e começa a divulgar vai de encontro ao ditado popular que diz que uma mentira falada mil vezes vira verdade. “Acaba se criando um preconceito na sociedade em relação ao agronegócio. Esse processo de gerar informação que não tem fundamento científico e verídico prejudica o setor porque se coloca a sociedade contra a agricultura”, opina.

ONDE ESTÁ A SOLUÇÃO?

Especialistas ligados à checagem de fatos apontam algumas dicas para que o usuário da internet e redes sociais não caia em notícias falsas. Entre elas, verificar se o texto é uma reportagem jornalística ou um artigo de opinião, checar se o conteúdo já foi falado em sites de

credibilidade e grande alcance, prestar atenção no site em que a informação foi publicada e analisar se as fontes do texto são confiáveis e têm autoridade para tratar do tema.

Além disso, no aplicativo *Whatsapp* é válido sempre desconfiar de áudios que apontam uma pessoa como especialista em certo assunto e buscar ler todo o conteúdo e não apenas a manchete antes de compartilhar qualquer coisa.

Antuniassi explica que, em muitos casos, existem interesses políticos e comerciais por trás da divulgação de notícias falsas. Por esse e outros motivos, uma das soluções é o setor do agronegócio investir cada vez mais na propagação da verdade. “O setor tem que trabalhar falando a verdade para os agricultores, a sociedade e os órgãos públicos. No caso da aplicação de defensivos é preciso dizer que tem que ser feita de maneira correta pra que seja segura para o ambiente e sociedade”, completa.

Nesse ponto, um dos entraves, segundo o professor, é a divulgação na imprensa, já que o setor do agronegócio tem buscado evitar que as notícias falsas causem prejuízos contrapondo com informações verídicas, mas a mídia destaca mais os fatos negativos. “Quando a gente desmente uma informação e mostra uma estatística real e verdadeira a gente não consegue o mesmo destaque. Lutar contra a mídia nesses casos é complicado”, declara.

O combate às notícias falsas passa pelo caminho da comunicação e transparência e para Júnior a adaptação de linguagem também é um obstáculo. Conforme o jornalista, a maior parte das estratégias são para falar com a “porteira para dentro”, com interesse em vendas e angariar associados. “O agronegócio nas redes sociais, por exemplo, é algo muito recente, de quatro anos para cá, mas ainda não soubemos como lidar com o fenômeno da geração X, da geração Y, que hoje são os maiores influenciadores nos meios digitais. Cabe às empresas e entidades investirem nesta comunicação mais dirigida. Acredito que é nestes formadores de opinião que deve ser o primeiro trabalho de mostrar e educar”, finaliza. ■